

IDENTIDADE ÉTNICA E TELENOVELA

Jiani Adriana Bonin 1

Resumo

Este artigo trata de uma pesquisa cujo objetivo é estudar a mediação da identidade étnica no processo e nas práticas de recepção de três famílias camponesas, uma italiana, uma alemã e uma ítalo-alemã. A pesquisa apóia-se na proposta das mediações de Martín Barbero, dialogando também com outros autores dos campos da antropologia e da comunicação para compor um referencial teórico-metodológico para o estudo da mediação investigada.

Palavras-chave

Mediações; Recepção de telenovela; Identidade étnica.

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa estuda a recepção da telenovela *Suave Veneno* (Rede Globo, janeiro-setembro/99) por famílias camponesas alemãs e italianas de Urubici (SC).[1] O fundamento teórico principal encontra-se na proposta de Jesús Martín Barbero, que concebe a recepção como um processo atravessado por **mediações**. O estudo focaliza a mediação da identidade étnica na recepção de telenovela trabalhando com um referencial teórico-metodológico que combina a contribuição de vários autores do campo da antropologia e da comunicação.

O estudo contempla a recepção da telenovela por sua significação social, seja nas dimensões econômica, política e cultural (Martín Barbero, 1987). Sua importância também se expressa na audiência significativa e transclassista que alcança no Brasil e nos demais países da América Latina.

A pesquisa procura também contribuir para o campo da comunicação através do estudo de uma mediação muito pouco trabalhada nos estudos de recepção, a identidade étnica. No contexto atual fenômenos como a globalização, as migrações, o ressurgimento da etnicidade e dos fundamentalismos de base étnica vêm estimulando a

1 **Jiani Adriana Bonin** é doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo, professora do curso de Especialização em Comunicação Popular e Alternativa da UEL e professora do Cesumar. jianiab@uol.com.br

reflexão teórica sobre as identidades, tornando esta uma problemática importante para a investigação empírica. O estudo da identidade étnica coloca-se como relevante também para o caso brasileiro, quando se considera a forte presença de grupos étnicos na formação de nosso país.

O **objetivo geral** do trabalho é portanto investigar o processo e as práticas de recepção em três famílias camponesas a partir da mediação da identidade étnica.

2. A PERSPECTIVA TEÓRICA DAS MEDIAÇÕES

A proposta das **mediações** de Jesús Martín Barbero é o fundamento central da pesquisa, o lugar a partir do qual dialogo com outros autores para estabelecer uma trama de conceitos que sustentam o estudo da mediação selecionada. A contribuição fundamental deste autor para a perspectiva da recepção está em propor que se desloque o eixo da reflexão dos meios para as **mediações**. Esta proposta é articulada a um outro deslocamento, que implica tomar a **cultura** como espaço de reflexão para a comunicação. A cultura é concebida como lugar de articulação dos conflitos sociais, de construção da hegemonia. Martín Barbero retoma o conceito gramsciano de hegemonia, que permite visualizar o processo de dominação social *“já não como uma imposição a partir de um exterior e sem sujeitos, mas como um processo no qual uma classe hegemoniza, na medida em que representa interesses que também reconhecem de alguma maneira como seus as classes subalternas.”* (Martín Barbero, 1997, p.104).

Para a perspectiva da recepção, o conceito de mediação propõe uma via teórico-metodológica própria de estudo: ao invés de partir das lógicas da produção e da recepção para depois buscar suas relações de imbricação e de enfrentamento, a pesquisa deve partir das mediações, concebidas como:

ese ‘lugar’ desde el que es posible percibir y comprender la interacción entre el espacio de la producción y el de la recepción: que lo que se produce en la televisión no responde únicamente a requerimientos del sistema industrial y a estrategias comerciales sino también a exigencias que vienen de la trama cultural y los modos de ver. Estamos afirmando que la televisión no funciona sino en la medida en que asume – y al asumir legitima – demandas que vienen de los grupos receptores; pero a su vez no puede legitimar esas demandas sin resignificarlas ‘en función’ del discurso social hegemónico. (Martín Barbero, 1987, p.49)

Faz-se necessário, portanto, partir de uma seleção de dimensões que, por hipótese, configuram mediações e colocar à prova estas dimensões. Neste trabalho

selecionei como mediação relevante no processo de recepção de telenovela a identidade étnica.

2.1. A Mediação Identidade Étnica

Os conceitos de grupo étnico e de identidade étnica têm sido objeto de reelaborações e revisões nos campos da sociologia e da antropologia. A proposta teórico-metodológica que organizo para estudar a identidade étnica apoia-se em autores cujas proposições são herdeiras desta revisão. Na definição desta proposta, vou me valer da contribuição introduzida por Barth, procurando agregar também proposições de outros autores no sentido de captar as especificidades do que se define como uma identidade propriamente étnica. Num outro momento, busco ampliar este marco conceitual introduzindo a reflexão sobre as transformações da identidade, especialmente no contexto da globalização, em diálogo principalmente com as contribuições de Hall e de arcía Canclini.

Fundamentada em Barth, parto da definição de grupo étnico como uma forma de organização social, que expressa uma identidade diferencial nas relações com outros grupos e com a sociedade mais ampla. Como especifica o autor,

os grupos étnicos são vistos como uma forma de organização social. Então, um traço fundamental torna-se (...) a característica da auto-atribuição ou da atribuição por outros a uma categoria étnica.(...) Na medida em que os atores usam identidades étnicas para categorizar a si mesmos e outros, com objetivos de interação, eles formam grupos étnicos neste sentido organizacional. (Barth, 1998, p.193-194).

A identidade étnica é utilizada como forma de estabelecer os limites do grupo e de reforçar sua solidariedade. Agora, se as categorias étnicas tomam as diferenças culturais em consideração, não é a soma das diferenças culturais “objetivas” que determinam o conteúdo da identidade étnica, mas aquelas que os atores consideram significativas, que são realçadas e tornadas organizacionalmente relevantes. Certos elementos culturais são utilizados pelos atores como sinais emblemáticos da diferença.

Nesta concepção, a continuidade dos grupos étnicos não é explicada em termos de manutenção da sua cultura tradicional, mas depende da manutenção dos limites do grupo, da contínua dicotomização entre membros e não membros. Desta forma, os traços culturais que demarcam os limites do grupo podem mudar e a cultura pode ser

igualmente objeto de transformações, sem que isso implique o esvaziamento da solidariedade étnica. O mérito desta proposta está em deslocar a concepção estática de grupo étnico como suporte de cultura e, por conseguinte da identidade étnica como uma identidade fixa, essencialista, para uma **concepção dinâmica do grupo étnico e da identidade étnica, introduzindo portanto, a história.**

Esta perspectiva aproxima-se da proposta de Hall, que concebe a identidade como um conjunto de representações construído em situações específicas, um “*sistema de representação cultural*”, um “*modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos*” (Hall, 1999, p.49-50).

As contribuições de outros autores permitem avançar no sentido de considerar as especificidades de uma identidade propriamente étnica. Lapierre (1998) e Poutignat e Streiff-Fenart (1998) propõem que a identidade étnica é uma forma de organização social cujo sistema de categorização fundamenta-se numa **origem suposta** e cuja solidariedade grupal tem na **história coletiva** um fundamento importante.

A questão referente à origem é recuperada da contribuição weberiana sobre os grupos étnicos. Em *Economia e sociedade*, Weber consagra um capítulo à discussão das relações comunitárias étnicas, definindo o grupo étnico como “*grupos que alimentam uma crença subjetiva em uma comunidade de origem, fundada (...) nas lembranças da colonização ou da imigração, de modo que esta crença torna-se importante para a propagação da comunalização, pouco importando que uma comunidade de sangue exista ou não objetivamente.*” (Weber, 1971. p.416, citado por Poutignat e Streiff-Fenart, 1998, p.37). De acordo com Weber, a crença subjetiva na origem comum constitui um laço característico da etnicidade.

A história do grupo também tem um papel constitutivo na conformação da lealdade étnica. Os grupos étnicos formam-se e mantêm atribuindo-se uma história sedimentada, que é construída: a memória coletiva atua selecionando e interpretando os acontecimentos, “*transformando determinados fatos e determinados personagens lendários, por meio de um trabalho de imaginário social, em símbolos significativos da identidade étnica*” (Lapierre, 1998, p.35). A pesquisa de Zveibil (1980) sobre a identidade judaica é bastante ilustrativa em relação a este ponto. A autora demonstra

como a história do grupo judeu constitui um elemento fundamental de configuração da identidade e da solidariedade étnicas.

Estas formulações permitem identificar como categoria chave da mediação identidade étnica para a construção dos dados empíricos o sistema de representação que compõe a identidade étnica, mais especificamente as categorias culturais distintivas (de pertencimento) e a memória coletiva do grupo.

A problemática da identidade deve ser situada também em torno da seguinte questão, que vem sendo foco de debates: o que ocorre com as identidades culturais no processo de globalização? Especificamente para esta pesquisa, a questão passa a ser: a identidade étnica das famílias estudadas está sendo afetada pelo processo de globalização? Se sim, como? Encontro um percurso para situar esta questão nos argumentos de Hall e de García Canclini.

Compartilho da proposição de Hall (1999) de que uma das principais características do processo de globalização que afetam as identidades culturais é o reordenamento espaço-temporal, que produz a compressão das distâncias espaciais e das escalas temporais. Explicada nos termos de Giddens, essa característica implica uma separação entre espaço e lugar, o que permite estabelecer relações de interação que independem da situação face a face - diferentemente das sociedades pré-modernas onde espaço e lugar coincidiam e as dimensões espaciais da vida social eram dominadas pela presença. Os locais sofrem transformações, *“são inteiramente penetrados e moldados por influências sociais bastante distantes deles. O que estrutura o local não é simplesmente aquilo que está presente na cena; a ‘forma visível’ do local oculta as relações distanciadas que determinam sua natureza”* (Giddens, 1990, p.18, citado por Hall, 1999, p.72). Isto implica que as identidades étnicas estão sendo confrontadas com uma gama de repertórios culturais que penetram o local. Para a realidade empírica estudada, destaca-se principalmente o papel dos meios de comunicação como o rádio, a TV e seu sistema de transmissão por satélite (antena parabólica) na reconfiguração do local e na disseminação desses novos referentes culturais.

Alguns autores, na linha do pós-modernismo, vêm argumentando que estes fluxos culturais entre nações, ao criar possibilidades de identidades partilhadas, como as de consumidores, das culturas juvenis, entre outras, levam necessariamente ao colapso

de todas as identidades. Outros postulam que os processos de globalização vêm atuando no sentido de solapar as identidades nacionais, ao mesmo tempo em que reforçam identidades particularistas, como as identidades étnicas. Uma outra posição é de que os processos de globalização estão levando à criação de novas identidades. Nesta pesquisa, compartilho das proposições de Hall e de García Canclini, que situam-se nesta última posição.

Para Hall, a globalização tem o efeito de **contestar e deslocar** as identidades centradas e fechadas. Ela tem um efeito pluralizante sobre as identidades, produzindo novas possibilidades e novas posições de identificação, tornando as identidades mais posicionais, plurais e diversas, menos fixas, unificadas ou trans-históricas (Hall, 1999).

García Canclini (1997) propõe que a globalização, ao provocar a intensificação dos laços transnacionais nas instâncias de decisão, de poder, de organização econômica, financeira e comunicacional, coloca em crise as identidades locais e nacionais e leva a desconfiar de estruturas muito homogêneas ou de identidades que pretendem ser demasiado compactas. A crise das identidades nacionais e locais é entendida não no sentido de desaparecimento, mas de diminuição do seu peso e de recomposição dos seus repertórios, fenômeno que se manifesta com maior clareza nos setores mais jovens. Para esse autor, repensar a identidade em tempos de globalização passa por concebê-la como **identidade multicultural**, que se nutre de vários repertórios, que pode ser multilíngue, nômade, transitar, deslocar-se, reproduzir-se em lugares distantes do território onde nasceu como forma identitária. Refletir sobre a identidade em termos conservacionistas significa negligenciar processos sociais de renovação e de transformação.

Neste sentido, trabalho com a suposição de que a etnicidade persiste como fenômeno atual nas famílias estudadas e que a identidade étnica constitui ainda uma forma de identificação pertinente para estes atores sociais, mas essas identidades estão sendo, em maior ou menor grau, remodeladas pelo processo de globalização. Suponho que esta remodelação pode se manifestar na recomposição dos repertórios culturais tradicionais e ainda, em algum grau, no surgimento de novas posições de identificação, como aquelas relacionadas a uma identidade juvenil mundializada ou a uma identidade de gênero.

Com relação à mediação da identidade étnica na recepção da telenovela, devo agora apresentar a hipótese que norteia esta pesquisa. Considerando que a identidade étnica configura um sistema de representação cultural (categorias de pertencimento, memória coletiva), trabalho com a hipótese de que, na recepção da telenovela, este sistema é acionado, operando processos de reconhecimento e de diferenciação na relação com os personagens, as situações e os conflitos encenados. Ou seja, no processo de recepção, os membros das famílias se valem do sistema de representações culturais configurado na identidade étnica para estabelecer relações com o conteúdo da telenovela. Nesta relação, ora o gênero é objeto de reconhecimentos, ora representa o outro, dependendo da relação que sua proposta estabelece com o conteúdo desta identidade.

3. ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS DA PESQUISA

A telenovela pesquisada foi a exibida pela *Rede Globo* no horário nobre. Essa opção foi feita levando em conta os resultados de um levantamento inicial, que demonstrou ser esta telenovela a mais assistida entre os camponeses do município onde foi realizado o estudo. A telenovela contemplada foi a *Suave Veneno*, escrita por Aguinaldo Silva, Ângela Carneiro, Maria Helena Nascimento, Filipe Miguez e Fernando Rebelo, com a colaboração de Marília Garcia e dirigida por Daniel Filho e Ricardo Waddington. *Suave Veneno* esteve no ar no período de 18 de janeiro a 17 de setembro de 1999. Durante o trabalho de campo, que se estendeu pelo período de exibição da telenovela, ela foi sistematicamente assistida, na maioria das vezes junto às famílias pesquisadas.

A pesquisa foi realizada no município de Urubici, Santa Catarina. Na escolha do município foi considerada sua pertinência para o objeto de estudo, já que há uma diversidade de grupos étnicos entre os camponeses do município, consequência das peculiaridades da sua colonização.

A amostra, de natureza qualitativa, foi organizada no sentido de introduzir diferentes situações em relação à identidade étnica dentro de uma situação de classe específica (camponeses). Considerando a *origem* um critério de demarcação

fundamental na definição da identidade étnica, para definir a amostra parti de dados sobre a origem dos pais de famílias camponesas do município estudado obtidos num levantamento realizado inicialmente.[2] De acordo com estes dados, consideradas as situações de casamentos endogâmicos e mistos, os grupos étnicos de maior presença no município são o italiano e o alemão. Optei por trabalhar com famílias pertencentes a estes dois grupos étnicos, compondo uma amostra com duas famílias de casamento endogâmico e uma de casamento misto (uma família alemã, uma italiana e uma ítalo-alemã).

A escolha da família como unidade de análise, além de considerar o fato de que é a unidade onde se dá o consumo de TV e de telenovela (particularmente nas classes populares) e um dos espaços fundamentais de circulação e negociação dos sentidos, leva em conta também o papel fundamental que desempenha na constituição e preservação da identidade étnica.

A estratégia metodológica organizada para a coleta de dados explorou a combinação de várias modalidades de técnicas de pesquisa, tal como recomenda Lopes (1999). Foram utilizadas a observação etnográfica e modalidades diferentes de entrevista (estruturada, focalizada e modalidades históricas). Entrevistas focalizadas foram utilizadas para captar dados sobre a identidade étnica e relatos sobre a telenovela. Para captar a memória coletiva do grupo étnico, foram feitas entrevistas de modalidade histórica. A observação etnográfica foi utilizada para complementar a captação dos variados tipos de dados necessários à pesquisa através da convivência com as famílias em seu cotidiano. As observações feitas em cada visita à casa das famílias foram registradas em relatórios de observação (equivalentes ao caderno de campo).

As famílias foram selecionadas de acordo com os critérios de definição fixados em relação à origem étnica (uma família alemã, uma italiana e outra ítalo-alemã) e à assistência da telenovela exibida pela *Rede Globo* no horário nobre, além de ser considerada sua disponibilidade para participar da pesquisa.

Todas as famílias estudadas são de tipo nuclear, embora mantenham relações estreitas com a família ampla. Quanto à composição, as famílias são assim organizadas: a família alemã é composta por três membros, João (pai, 53 anos), Albertina (mãe, 43 anos) e Márcio (filho, 22 anos); a família italiana por quatro membros, Dorval (pai, 57

anos), Janice (mãe, 43 anos), Denis (filho, 19 anos) e Talita (filha, 15 anos) e a família ítalo-alemã por cinco membros, Otávio (pai, 59 anos), Lídia (mãe, 48 anos), Salésio (filho de Otávio e enteado de Lídia, 29 anos), André (filho, 18 anos) e Jozimar (filho, 13 anos).

A coleta de dados foi realizada no período de março a dezembro de 1999 e foi organizada de acordo com uma estratégia de acercamento e de inserção da pesquisadora nas famílias adequando-se também à disponibilidade de tempo daquelas. Como resultado, foram realizadas 28 visitas à família alemã, 24 à família italiana e 45 à família ítalo-alemã. Vale lembrar que antes da aplicação das técnicas foi realizado um pré-teste.

O tratamento dos dados foi equacionado através de duas etapas: a transcrição dos dados registrados por gravação e a sua classificação com o auxílio do *software Winmax*. A análise descritiva foi facilitada pelo tratamento prévio dos dados realizado com o auxílio do referido programa. As análises descritiva e interpretativa tiveram como eixos de construção a mediação, com suas respectivas categorias operacionais e as diferentes posições familiares em relação à identidade étnica. No percurso da análise, a mediação é explorada a partir da comparação das três famílias estudadas.

4. A MEDIAÇÃO IDENTIDADE ÉTNICA

Para analisar esta mediação, trabalho com o **sistema de representação** do grupo étnico, mais especificamente as categorias distintivas e a memória coletiva. A construção da análise é feita em dois movimentos simultâneos, o desvelamento do sistema de representação da identidade e o de deslindamento de suas relações com a telenovela.

A identidade social das famílias pesquisadas organiza-se em dois planos inter-relacionados, o plano relativo à identidade que expressa a condição social de camponeses e o plano da identidade propriamente étnica. Para o propósito deste artigo entretanto, vou me ater somente à discussão do plano propriamente étnico da identidade.

Um dos pontos centrais que a pesquisa de campo revelou diz respeito à conformação do grupo étnico e de seus limites. Inicialmente eu havia presumido que estariam configurados grupos étnicos em torno das distintas procedências nacionais de imigração. A organização da amostra pautou-se nesta suposição, daí a escolha de uma família alemã, uma italiana e uma ítalo-alemã. Entretanto, a pesquisa revelou uma estruturação de grupos étnicos diferenciada. Na situação estudada, elaborou-se uma identidade mais abrangente, que articula as subdivisões relacionadas a procedências nacionais, ainda persistentes como diferenciações internas a esta identidade. A categoria *origem* constitui a forma nativa de auto-definição que expressa esta identidade comum. Neste plano, a alteridade constrói-se na relação com os *brasileiros*, denominação que engloba os demais habitantes do município que não descendem de imigrantes alemães e italianos.[3]

Em se tratando das categorias que atualmente definem a pertença ao grupo de *origem* e demarcam sua distintividade em relação aos *brasileiros*, um critério fundamental de distinção é revelado na própria expressão nativa que denomina esta identidade: para ser considerada do grupo, a pessoa tem que **ter origem**, o que significa ser descendente de imigrantes europeus que participaram da colonização. Esse critério remete àquilo que, nos termos de Weber, constitui o traço característico da identidade étnica, a *crença na origem comum*. É esta crença que “*justifica e corrobora as outras dimensões ou signos da identidade e assim o próprio sentido de unicidade do grupo*” (Poutignat e Streiff-Fenart, 1999, p.162). Na prática o reconhecimento da origem passa pela análise de características fenotípicas.

Um segundo conjunto de traços considerados distintivos aparece sob a forma de representações associadas **ao trabalho, à economia, ao empreendimento e ao planejamento do futuro**. Em relação ao *trabalho*, os *de origem* consideram-se “*mais trabalhadores*” como também mais “*caprichosos*”, mais zelosos em relação às suas “*obrigações*” do que os *brasileiros*. Estas qualidades são expressas através de descrições que enfatizam o cuidado com plantações, animais, ferramentas e implementos. Por oposição, os *brasileiros* são vistos como menos trabalhadores e até como “*vadios*”; também como menos caprichosos e menos dedicados em relação ao trabalho.[4] É importante considerar que estas distinções se difundem de modo bastante homogêneo nas representações dos pais das três famílias; também aparecem

incorporadas na geração dos filhos, havendo na geração jovem apenas um caso de questionamento destes critérios.

Os dados da pesquisa permitem argumentar que estas representações distintas têm ancoragem em práticas que remetem a um *ethos* do trabalho. Ou seja, permanecem referenciadas em práticas culturais do cotidiano: nas três famílias pesquisadas, o trabalho revela-se como dimensão fundamental da vida, cuja centralidade pode ser observada tanto no tempo que abarca nas rotinas cotidianas como na sua ordenação.[5]

Agora, se podemos afirmar que as distinções relacionadas ao âmbito do trabalho estão, em maior ou menor grau, incorporadas na geração dos filhos, vale considerar certos matizes nesta incorporação. Durante a pesquisa, pude constatar entre os jovens uma insatisfação com uma definição da vida muito centrada no trabalho, notadamente aqueles das famílias alemã e italiana. Estas constatações sinalizam para a incorporação de referentes provenientes de outros repertórios culturais que podem estar introduzindo reordenamentos neste traço cultural.

Outro traço reivindicado pelos de *origem* como distintivo em relação aos *brasileiros* diz respeito à **orientação para a poupança**. “*Ser seguro*” é a expressão nativa que revela a orientação à economia, que deve perpassar o manejo de todos os recursos. Na ótica das famílias entrevistadas, o dinheiro deve ser gasto com moderação, de acordo com uma ordem de necessidades: deve-se preparar a comida conforme o necessário para não haver desperdício, moderar no uso dos recursos de forma que se tenha para o dia de amanhã. Cuidar do que se tem também implica uma atitude de poupança.[6]

A orientação para a poupança aparece ligada ao empreendimento e planejamento do futuro. Neste sentido, os *de origem* distinguem-se dos *brasileiros* por considerarem-se pessoas empreendedoras, que “*pensam no futuro*” e “*trabalham para adquirir*”, para “*progredir na vida*”, para “*dar conforto e segurança para a família*”. Por contraste, os *brasileiros* são vistos como pessoas que gastam todo o dinheiro que ganham, não tendo a preocupação de guardar para os tempos de escassez, de planejar o futuro.

Estes critérios apresentam-se incorporados de modo bastante homogêneo e consistente na geração dos pais. Entre os filhos sua disseminação é mais fragmentada.

Ocorrem entre os jovens práticas de consumo que relativizam o critério da poupança, como a valorização de certas marcas na compra de tênis, sapatos, roupas - formas como o global penetra o local; também se observam aspirações por mais lazer e por um acesso maior ao consumo que contestam definições rígidas de poupança e planejamento do futuro. Os dados da pesquisa permitem dizer que a telenovela tem um papel nestes reordenamentos no sentido de que contribui para introduzir novos referentes, como aqueles relacionados ao campo do consumo.

Embora se possa dizer que a poupança é um traço que orienta as práticas das famílias pesquisadas, pode-se ver que também na geração dos pais expressam-se redefinições em relação ao que se coloca como da ordem do necessário, produto de sua inserção no campo do consumo. Em todas as casas encontramos a presença de eletrodomésticos, meios de comunicação e produtos variados de mercado. De modo semelhante ao demonstrado para o caso dos jovens, também entre os adultos a telenovela contribui para estimular e promover aspirações de consumo.

Passemos agora à análise de como estes critérios de distinção da identidade (trabalho, poupança, espírito de empreendimento) operam sua mediação na recepção da telenovela estudada. Os relatos dos membros das famílias pesquisadas sobre o trabalho na telenovela e sua relação com a realidade vivida permitem argumentar que estes critérios distintivos estão implicados na produção de sentidos para a telenovela. Analisando as leituras sobre os personagens, vemos que estas *matrizes* da identidade funcionam como chaves de leitura, sendo a base para classificações do tipo nós/eles, ou seja, permitem estabelecer reconhecimentos/distinções em relação aos personagens. Esta lógica ancora as leituras de todos os personagens discutidos pelos entrevistados.

Vejam, a título de exemplo, as leituras das famílias referentes a alguns personagens que se mostraram relevantes na recepção. Começamos pelo personagem *Valdomiro*, o mais comentado da telenovela. Na *família alemã*, *Valdomiro* é visto por todos como trabalhador, batalhador e sério no trabalho: “o *Valdomiro* é mais parecido com a gente o tipo dele, é mais trabalhador assim, enfrentando as coisas e metendo a mão na massa, porque quando a gente faz um serviço tem que meter a mão na massa, senão não vai” (João, pai). Os pais ressaltam sua luta para adquirir; a mãe também o qualifica como honesto e aponta sua iniciativa de procurar ter sempre a família no trabalho. Todas estas virtudes são vistas como semelhantes ao modo de vida deles: o

trabalho é levado à sério “*trabalhamos até no domingo quando é preciso, então ele é parecido com nós nesse tipo de coisa*” (Márcio, filho); lutam para empreender e adquirir, “*o Valdomiro era uma pessoa que lutava para ter as coisas e a gente também sempre lutou aqui, pois se a gente não luta a gente não vai adiante*” (João, pai); trabalham privilegiando as relações familiares, “*é parecido porque aqui também a gente em primeiro lugar a família*” (Albertina, mãe).

Na *família italiana* todos os membros também se reconhecem em Valdomiro, identificando-o como um homem trabalhador, que levava a sério suas ocupações e honrava seus compromissos. Os pais e o filho também ressaltam aspectos do personagem que retratam seu espírito de empreendimento e de planejamento do futuro: “*ele era trabalhador e queria ir pra frente, fazer a indústria produzir*” (Dorval, pai); “*era o que mais trabalhava, o trabalho dele era o mais forte, mais pesado, o que lutou para conseguir*” (Janice, mãe). O pai também se refere à honestidade de Valdomiro em suas ações e ao amor que demonstrava pelo que fazia, observações que remetem a uma *moral* que norteia suas relações com o trabalho.

Na *família ítalo-alemã*, como nas outras, Valdomiro é foco de reconhecimento por ser considerado um homem trabalhador, dedicado, que levava a sério o trabalho “*ele pegava sério no serviço, era trabalhador*” (André, filho). Os pais e o filho mais velho ressaltam também aspectos que expressam o espírito de empreendimento e de planejamento do futuro do personagem: “*tudo o que ele fazia, ele fazia para ir pra frente*” (Otávio, pai); “*ele lutava pela empresa, eu pouco acompanhei mas me parece que era um cara que construiu o que queria, um cara que deu duro de pequeno até conseguir*” (Salézio, filho). O depoimento da mãe sintetiza estas leituras: “*O Valdomiro é uma pessoa que já suou bastante, já trabalhou bastante pra adquirir, pra ter o que tinha. Esse tá mais parecido com a maneira da gente encarar o serviço, trabalhador assim, trabalhar pra valer, arregaçar as mangas e trabalhar valendo.*” (Lídia, mãe).

Como vimos, Valdomiro é unanimemente visto como a encarnação do critério de pertença relativo ao trabalho, o que pode ser percebido pelas qualificações de trabalhador, batalhador, sério no serviço, honesto, compromissado e amoroso com o trabalho. Também expressa para os pesquisados os critérios de poupança, empreendimento e planejamento do futuro, nas visões dele como um homem que lutou para adquirir, para ir pra frente. Nestas leituras e na sua identificação por todos como o

personagem mais representativo da identidade de *origem* podemos ver que ele adquire a força de figura *símbolo da identidade*.

Passemos agora ao exame de da personagem *Nana*, bastante comentada em relação à questão do trabalho entre os entrevistados. Nas leituras da *família alemã*, *Nana* é para todos os membros uma personagem que representa a alteridade por seu não trabalho. Os pais distinguem-se dela também porque vivia endividada, gastava mais do que podia e contava com o dinheiro alheio para prover suas necessidades. De modo semelhante, as leituras da *família italiana* estabelecem alteridade com a personagem, distinguindo-se dela por seu não trabalho; os pais e o filho qualificam-na como *gastadeira*, uma pessoa que esbanjava o dinheiro; condenam sua atitude de contar com o dinheiro de *Alceste* para pagar as contas. Na *família ítalo-alemã* vemos as mesmas matrizes identitárias operarem sua mediação na leitura da personagem. Os membros da família que fizeram considerações em relação ao trabalho de *Nana* distinguiram-se dela por considerarem que não trabalha, só esbanja e conta com o dinheiro de *Alceste* para se manter.

Do que foi exposto podemos concluir que os pesquisados estabelecem com a personagem *Nana* uma relação marcada de alteridade. Uma personagem que não trabalha, esbanja dinheiro, gasta mais do que possui, faz dívidas e conta com o dinheiro alheio para seu sustento representa o oposto das virtudes étnicas trabalho, poupança, empreendimento e planejamento do futuro.

Para finalizar, consideraremos as leituras sobre os personagens *Clarice* e *Cláudio*, focalizados por serem representantes dos denominados *brasileiros* na telenovela. Na *família alemã* somente o pai e o filho comentaram sobre estes personagens. As leituras operam no sentido do não reconhecimento deles como pertencentes ao grupo dos *brasileiros*; os personagens não se encaixam nos estereótipos relativos ao grupo e acabam sendo considerados *brasileiros só na cor*. Sobre Cláudio o pai considera: “*pelo menos a cor é parecido, agora pra o tipo da pessoa é um cara já muito bom né, assim. Mas tem brasileiro bom também, não é que são tudo ruim*”. O filho assim se expressa em relação aos dois personagens: “*na cor da pele são parecidos com brasileiro, só na cor. A maneira deles... sei lá, eles são mais da cidade e quando fazem um papel assim a gente não tem convivência com aquilo ali, então eu não sei te explicar*” .

Da *família italiana* temos as leituras da mãe e dos filhos sobre estes personagens. No caso da mãe, fica evidente a força dos estereótipos atribuídos aos *brasileiros*. Eles são considerados diferentes, *Cláudio* porque apresenta uma condição social melhor, tem estudo e os *brasileiros* neste sentido são vistos como sem estudo, preguiçosos e portanto mais pobres; *Clarice* porque trabalha, é lutadora, oposto da visão do *brasileiro* preguiçoso: “*ele tá mais adoutorado, mais refinado. (...) É difícil ver um negro estudado, né? Não sei se isso mudou... (...) Será que o brasileiro teria a capacidade que a Clarice teve? O brasileiro é meio preguiçoso, meio acomodado. O físico dela era brasileiro, mas ela está além*”. A leitura dos filhos também vai nesta direção, embora no caso da filha podemos perceber algum questionamento destes estereótipos a partir da relação com a telenovela e com exemplos da realidade concreta.

Na *família ítalo-alemã* temos as leituras da mãe e dos dois filhos mais novos sobre *Cláudio* e *Clarice*. Estas leituras expressam um grau maior de estereotipia das representações relativas aos negros. A força dos estereótipos revela-se nas leituras sobre o papel de *Clarice*, cujas ações no sentido de vingar-se do pai são consideradas *sujas, comportamento de brasileiro*. *Cláudio* é um considerado diferente dos brasileiros porque é bom, correto e neste sentido é reconhecido como semelhante aos de *origem*, um negro que fez papel de branco. O depoimento da mãe ilustra estas visões:

Lembra uma brasileira [Clarice]. Daí ela até fez aquele papelão feio e coisa. Isso aí é pra brasileiro, não é pra gente de origem. É a única que procedeu assim de uma maneira como se fosse um brasileiro, fazendo um papel sujo com o pai ali. Que isso aí é só pra gente dessa espécie, porque um italiano ou um alemão não ia fazer um papel desse, fazer esse serviço, se rebaixar. (...) o Cláudio é uma pessoa muito boa. Então, eu já acho assim que aquele já é acima dos brasileiros, vamos supor... daí ele já está fazendo um papel que ele seria um moreno sério, positivo como se fosse um branco. Está fazendo o papel de uma pessoa de origem. (Lídia, mãe da família ítalo-alemã).

As leituras destes personagens revelam a força dos estereótipos sobre o grupo dos *brasileiros*. Por serem considerados pela maioria como bons, honestos, trabalhadores, possuidores de uma condição social melhor, estudados, os personagens *Cláudio* e *Clarice* não se encaixam nos estereótipos do *brasileiro* vadio, relaxado, predisposto à atitudes desonestas, pobre; eles acabam sendo vistos como atípicos, como negros que fazem papel de branco, de pessoa de *origem*. Deste modo, revela-se que os estereótipos resistem ao confronto com personagens da telenovela quando apresentam

características distintas daquelas atribuídas ao grupo e funcionam como chaves da sua classificação como diferentes, não representativos.

As leituras analisadas permitem visualizar a força dos critérios que estamos discutindo, que permanecem resistentes no encontro com a telenovela. Isto pode ser percebido no modo como os pesquisados operam as classificações dos personagens, separando nítida e marcadamente os semelhantes (nós) e os distintos (eles). Também revelam a força dos estereótipos atribuídos ao grupo dos *brasileiros*, nas leituras dos personagens *Cláudio* e *Clarice*. Neste caso, apesar de propor personagens que fogem do estereótipo atribuído a este grupo, a telenovela não consegue questionar estes *núcleos duros de sentido* presentes no sistema de representação do grupo de *origem*. No caso de *Clarice*, as ações da personagem no sentido de obter o reconhecimento do pai (vingar-se nas palavras dos entrevistados) acabam confirmando (e assim operando reforço) os estereótipos sobre os brasileiros.

Certamente a matriz do gênero (melodrama) colabora na produção destas leituras, ao oferecer personagens de construção polarizada em relação ao trabalho. Neste ponto, tem razão Martín Barbero (1997) quando propõe que o melodrama, através da esquematização dos personagens, facilita processos de identificação/projeção na recepção. Vemos também que a telenovela estudada trabalha com personagens capazes de operar o reconhecimento identitário no grupo de *origem*, ao trabalhar no texto *matrizes* fundamentais desta identidade. Aqui vemos fazer sentido a proposição de Martín Barbero (1997) de que o segredo da força do melodrama está nos elementos que nele ancoram a identificação e o reconhecimento cultural, nas matrizes culturais que incorpora e de Buonnanno (1999), que concebe os textos de ficção (como a telenovela) como *textos de identidade*.

A religiosidade é outro traço cultural considerado na distinção entre os de *origem* e os *brasileiros*. Entretanto, se é reivindicada como elemento distintivo, também é apontada como característica cultural em redefinição, na medida em que os sujeitos identificam certa perda de terreno das práticas religiosas no cotidiano. De acordo com os pais, esta perda de terreno manifesta-se de modo mais acentuado na geração dos filhos, reconhecimento que leva alguns a considerar a possível perda do valor contrastivo desta característica em relação aos *brasileiros*. É significativo o fato de que este critério não esteja presente na representação de alguns jovens, como os filhos mais

novos da família ítalo-alemã. A reivindicação da religiosidade como um critério de pertencimento apoia-se num conjunto de práticas religiosas cotidianas, nas três famílias pesquisadas, a despeito de certas nuances em termos de sistematicidade destas práticas. [7]

Vejamos agora como este critério de definição opera sua mediação na produção dos sentidos para a telenovela estudada. De modo geral, o que se nota ao percorrer as leituras é uma interpretação de que havia pouca religiosidade no modo de vida dos personagens da telenovela, unânime entre os entrevistados. Esta leitura é fundamentada basicamente no entendimento de uma quase ausência de práticas religiosas no cotidiano dos personagens, como rituais religiosos institucionais - a exceção que reconhecem são os casamentos - de práticas como a oração e a conversa sobre religião em família. Com base nestas leituras, pode-se dizer que a telenovela estudada constitui-se na alteridade que permite a eles diferenciarem-se como mais religiosos, mais praticantes do que os personagens da telenovela.

As interpretações das famílias entrevistadas relativas à *Família Valdomiro/Eleonora* da ficção permitem-nos visualizar a chave geral de leitura mencionada anteriormente. Na *família alemã* todos consideram os personagens deste núcleo diferentes deles em razão da ausência de práticas religiosas cotidianas. Como ilustram as palavras do pai “*a gente sempre está mais na igreja, esses aí eu nunca vi na igreja*”.

Na *família italiana* encontramos a mesma lógica de leitura. Nas palavras do pai, “*eu não vi religião nessa família. É diferente porque a gente pensa na religião, de vez em quando a gente fala na religião e eu não vi eles falarem em religião, não tenho lembrança*”. Para alguns membros entretanto a distinção é menos marcada, pois consideram uma certa perda de consistência das práticas religiosas no cotidiano familiar, particularmente as institucionais, o que os aproxima em algum sentido dos personagens. Segundo a mãe, “*eles freqüentavam a igreja nos casamentos, mas eu não vi muita coisa de religião, não tinha aquela coisa... ter um quadrinho pendurado, um santinho pra rezar*”; mas ela também considera que a diferença em relação a eles não é tão grande porque “*a gente tá meio relaxado, ultimamente, só vai na igreja quando tem algum evento como casamento*”.

Na *família ítalo-alemã* apenas os pais comentam sobre a religião em relação à família ficcional considerada, distinguindo-se dos personagens em geral a partir da identificação de uma ausência de práticas religiosas no cotidiano da família ficcional. O pai considera que os personagens, para serem parecidos com eles, “*tinham que puxar mais uma religiõzinha, combinar o casal, tá certo que eles não se puxavam direito, mas a mãe, a empregada... nunca via a dona Eleonor com uma filha ‘vamos à missa’, então religião para mim eles não queriam nada na novela*”. A mãe também marca distinções entre sua família e os personagens deste núcleo pela ausência de práticas: “*Ninguém se preocupava em ir à igreja, rezar, pedir uma coisa ou outra, (...) então eu acho que faltou isso daí, a novela tinha que ter religião também, vamos supor na hora das crianças dormir dizer ‘vamos rezar pro papai do céu, pro anjo da guarda, pra ajudar’*”.

A discussão sobre as leituras da telenovela estudada sob a ótica da religião permite ver que a religiosidade, como atributo ainda reivindicado como distintivo por boa parte do grupo pesquisado, que se ancora em práticas e valores, é mobilizada na relação com os personagens, operando sua mediação na construção dos sentidos. Isto se dá na medida em que as representações relativas a este critério funcionam como um referencial a partir do qual se estabelecem processos de reconhecimento/distinção com os personagens.

Outra questão que impõe reflexão é se a telenovela pode estar contribuindo para operar mudanças em relação ao critério religiosidade. Esta é uma questão complexa e a pesquisa não fornece dados conclusivos, mas oferece indicações de que a TV e a telenovela estão de algum modo implicadas nos processos de mudança. Um primeiro modo de implicação é que a TV e a telenovela passaram a fazer parte dos momentos de convivência familiar dentro de casa, deslocando outras práticas que aí tinham lugar.

Num outro plano, a telenovela parece estar contribuindo para abrandar concepções rígidas e etnocêntricas de religião, na medida em que fornece exemplos de outros modos de vivência da espiritualidade que penetram no cotidiano dos receptores. No caso da telenovela estudada, o personagem *Ualber* estabelece uma relação tensa e de algum modo questionadora com muitos dos membros das famílias pesquisadas. A tensão se estabelece na medida em que o personagem vivencia sua espiritualidade de modo distinto deles mas ao mesmo tempo expressa práticas e valores semelhantes aos

deles. Isto contribui para que muitos pesquisados reconheçam-se nele e aceitem-no como religioso. Além disso, personagens que não demonstram o seguimento de práticas religiosas institucionais mas expressam valores religiosos em suas práticas (por exemplo *Fortunato* e *Lavínia*) alcançam reconhecimento entre os pesquisados, ajudando a legitimar novos modos de relacionamento com a religião, não tão rígidos. Neste sentido, tem razão Hall (1999) quando propõe que no contexto da globalização através da relação com outros referentes culturais as identidades estão se tornando menos fixas, mais posicionais e móveis.

As distinções entre os *de origem* e os *brasileiros* também são firmadas a partir de *atributos raciais*. Os *brasileiros* são identificados por características fenotípicas, em particular a cor: são *negros*, *morenos*, *misturados*; alguns referem-se também à baixa estatura e ao tipo de cabelo. Na prática, os chamados índices operatórios - noção que, de acordo com Poutignat e Streiff-Fenart (1999) remete aos indicadores imediatamente utilizados para fazer o reconhecimento da pertença em uma dada situação - utilizados pelo grupo para reconhecerem os *brasileiros* inicialmente são as características fenotípicas, ainda que os critérios de distinção mais importantes sejam culturais. Os atributos raciais também mediam a relação com a telenovela, funcionando como modo de reconhecimento primeiro da pertença étnica dos personagens.

O modo como as famílias pesquisadas concebem a questão da transmissão das características distintivas associadas à *origem* ajuda-nos a entender em que medida se verificam processos de substancialização delas como possessões inatas. As representações encontradas entre os membros das famílias pesquisadas podem ser agrupadas em duas posições. Há os que, consideram que todos os atributos relativos ao grupo étnico, incluindo os culturais, são “*puxados de pai ou de mãe*”, transmitidos “*pelo sangue*”, termos que indicam uma concepção de que são herdados; defendendo esta posição encontramos membros homens da geração paterna e um da geração dos filhos. A maioria dos entrevistados entretanto considera o papel da herança na transmissão de certas características, como as fenotípicas, e o papel que a “*convivência*” também desempenha na aquisição dos padrões culturais – estão entre estes as mães das três famílias, um dos pais e a quase totalidade dos filhos.

As concepções relativas à transmissão das características reivindicadas como étnicas também se expressam na produção de sentidos para a telenovela. Vejamos um

exemplo ilustrativo. Indagada sobre personagens representativos da identidade nas telenovelas, a mãe da família ítalo-alemã identifica como *italiana* a personagem *Judite*, de *O Rei do Gado*: “por ter convivido com o *Geremias*, trabalhado com ele, no fim ela já estava assim conversando e fazendo como se fosse uma italiana. E bem no final os dois ficaram juntos. Daí ela começou a cantar e conversar meio italiano ali”. O que sustenta a argumentação de Lídia é a noção de que a convivência é uma forma de aquisição dos atributos propriamente culturais. Neste sentido, *Judite* torna-se italiana pela convivência com *Geremias* ou seja, vai adotando os valores étnicos e acaba sendo recrutada para fazer parte do grupo através do casamento.

Passemos agora à discussão das questões relativas à configuração da **memória coletiva** nas famílias estudadas. Na análise da memória coletiva do grupo étnico, examinaremos como são elaborados os **acontecimentos fundadores** do grupo étnico e os elementos da história do grupo que foram selecionados e conservados pela memória coletiva, na configuração da sua identidade. Vale lembrar que utilizo uma perspectiva que concebe a memória coletiva como um trabalho de reconstrução do passado. Esta perspectiva é encontrada nos trabalhos de Halbwachs (1990) e de Bosi (1994).

Considerando o modo como são reconstituídos os **acontecimentos que fundam o grupo étnico**, um primeiro ponto a destacar é que, salvo exceções representadas pelo ponto de vista de certos membros das famílias estudadas, a memória coletiva foca-se mais vigorosamente sobre experiências posteriores à chegada no Brasil. Nas exceções verificadas no ponto de vista de certos membros da geração dos pais, são restabelecidas certas referências explicativas da imigração, relacionadas à guerra e às condições de vida nos países de origem.

O ponto fulcral ao redor do qual se organiza a memória coletiva é a *obra da colonização*. Os acontecimentos selecionados e reconstituídos nesta memória contam a *saga* dos antepassados, remetendo à instalação em lugares inexplorados, ao enfrentamento de toda ordem de dificuldades e à transformação que se opera nesta ordem primitiva através do trabalho, com o plantio das lavouras, a construção das casas, da igreja, da comunidade. A memória coletiva reconstitui estes acontecimentos exaltando o trabalho e o espírito de empreendimento dos antepassados, transformando-os em **figuras emblemáticas** do grupo. Penso as figuras emblemáticas como construções esquemáticas que servem como modelo, que se expressam em personagens

e procuram representar o grupo que as elabora, como propõe Maciel (1995). Neste sentido, os antepassados são rememorados na figura de **pioneiros**, também encontrada na memória coletiva dos colonos alemães, italianos e poloneses estudados por Seyferth (1993).

É revelador o fato de que um dos pontos fundamentais em torno do qual se organiza a memória coletiva seja a saga dos pioneiros, reconstituída sob a ótica do trabalho e do espírito de empreendimento: vislumbramos aí o papel da memória coletiva no sentido de restituir no presente o *ethos* do trabalho implantado pelos antepassados. Como vimos a propósito da discussão sobre as categorias distintivas da identidade étnica, as virtudes relativas ao trabalho e ao empreendimento são atualmente reivindicadas como categorias fundamentais de distinção do grupo de *origem*. Podemos dizer então que a memória coletiva trabalha elementos *residuais*, para usar o conceito cunhado por Williams (1979) já que estes elementos, advindos do passado, encontram vigência no presente.

Outro ponto a destacar é que, salvo algumas exceções, a memória coletiva das famílias trabalha a partir de acontecimentos posteriores à vinda para o município de Urubici. Devo lembrar que as famílias originam-se de descendentes de imigrantes *alemães* e *italianos* que se deslocaram de outros lugares de Santa Catarina para este município. Tal fato em geral significou uma ruptura no fluxo da memória coletiva e deve ter contribuído para o apagamento da memória de acontecimentos anteriores.

Nos relatos coletados sobre a memória coletiva, fica evidente que o grupo étnico reconstitui características culturais dos antepassados que são tomadas como marcadores da sua distintividade. Desta forma, os antepassados são transformados em *figuras emblemáticas*, capazes de representar o grupo. Elas cumprem seu papel no processo de socialização dos membros mais novos, para quem devem servir de modelo. A título de ilustração, observemos como no depoimento do filho da família alemã a descrição do avô materno, que ele não conheceu porque faleceu antes do seu nascimento, revela este operação de transformação do antepassado em figura emblemática do grupo: “*eles contam que ele era muito esperto pra negócio. Que era um homem trabalhador e que também trabalhava com a cabeça. O que eu vejo eles falarem é sempre isso. Se ele não tivesse morrido, hoje ele seria um homem muito bem de vida.*”

O espaço e os objetos desempenham um papel na memória coletiva. De acordo com Halbwachs (1990, p.159), os grupos “*imprimem de algum modo sua marca sobre o solo e evocam suas lembranças coletivas no interior do quadro espacial assim definido.*” Esta proposição é confirmada quando observamos as evocações das famílias entrevistadas. Em todas elas, vemos a memória aparecer ligada aos *terrenos*, lugares onde os antepassados fincaram suas raízes, trabalharam, imprimiram sua marca, desenharam sua história e que chegam à geração deles por herança. Assim a terra, mais que um fator de produção, é um espaço simbólico que remete à memória do grupo; deste modo podemos compreender melhor o que autores como Seyferth (1993) aludem como um apego à terra por parte dos imigrantes. Algumas edificações erguidas pelos antepassados também são conservadas. E não só os espaços de propriedade familiar, mas também os coletivos carregam a memória do grupo, como a igreja e o salão de festas, em cuja realização antepassados das famílias também participaram. Alguns objetos e fotografias também servem de apoio à memória coletiva.

Examinando as lembranças dos membros das famílias entrevistadas, o que se pode notar é que a evocação do passado é realizada de modo mais detido e com maior domínio pela geração dos pais. Além de estar relacionada à questão de que o ato de recordar é mais habitual entre os mais velhos, esta constatação sugere também que a passagem dos fatos coletivos que desenharam a memória do grupo vem se enfraquecendo em relação à geração dos filhos. Os jovens admitem ter pouco interesse em recordar o passado e isto certamente tem relação com a valorização do presente que manifestam, fruto de um diálogo com a cultura juvenil. Ainda assim, demonstram algum conhecimento do passado, particularmente em relação aos aspectos mais enfatizados pelos pais e demais membros da família extensa, e isto é assim porque, inseridos como estão no grupo, recebem ainda a marca da socialização do mesmo.

Tratemos agora das relações da memória coletiva com a telenovela, que nos impõe algumas indagações: estaria a telenovela influenciando a construção da memória coletiva do grupo em algum sentido? A memória coletiva media a recepção da telenovela? Em relação à primeira indagação, podemos sugerir, com base nos dados da pesquisa, que a TV e a telenovela instalaram-se nos espaços de convivência familiar e ampliada, estabelecendo uma agenda de novos temas de conversa, o que pode estar reduzindo as possibilidades de comunicação da memória do grupo, já que a família é

um cenário importante nesta transmissão. Por outro lado, telenovelas como *O Rei do Gado* e *Terra Nostra* parecem oferecer certo estímulo à rememoração do passado. A questão que fica é se telenovelas como *Terra Nostra*, ao oferecerem uma versão em relação ao passado histórico dos grupos imigrantes, podem estar contribuindo para restituir elementos residuais do passado e, ou para preencher os vazios relativos ao apagamento da memória coletiva.

Os dados desta pesquisa permitem argumentar que, no caso da telenovela estudada, a *Suave Veneno*, podemos identificar entrelaçamentos e relações com a memória coletiva do grupo. Como já discutimos anteriormente, a memória coletiva trabalha a partir da construção de figuras emblemáticas, que simbolizam a identidade do grupo. Ora, podemos ver que, na telenovela estudada, o personagem *Valdomiro* adquire contornos de figura emblemática pelos atributos distintivos que exibe e que são reconhecidos pelos de *origem* como seus. Deste modo, a telenovela também acaba adquirindo uma função modelar semelhante àquela relativa à figura dos pioneiros, de representar o grupo e servir de referência na transmissão do sistema de representação da identidade.

Outro ponto que devemos considerar na discussão sobre o espaço e seu papel na sustentação da identidade é que os meios em geral e a TV penetram os espaços identitários que no passado estavam mais organizados em torno de uma singularidade mais local. Neste sentido, introduzem novas referências como aquelas relativas ao campo do consumo, que também passam a fazer parte da memória do grupo (atentemos aqui, para a presença de objetos como a TV e a antena parabólica nas residências, que se misturam a fotos, quadros e outros objetos sustentadores da memória).

Para finalizar, gostaria de retomar o percurso do trabalho e sumarizar os resultados obtidos. Neste estudo da **mediação da identidade étnica**, procurei situar o sistema de representações de grupo pesquisado (as categorias de pertencimento e a memória coletiva do grupo) e desvendar como operam sua mediação na recepção da telenovela. O estudo permitiu identificar como categorias chave do pertencimento étnico o trabalho, o empreendimento, a poupança e o planejamento do futuro, além da religiosidade; também situou as balizas que ordenam a memória coletiva do grupo e os mecanismos de constituição da memória através de figuras emblemáticas. A pesquisa revelou que estas categorias operam mediações significativas na recepção da telenovela,

funcionando como sistemas de referência a partir dos quais personagens e situações da telenovela são interpretados. Estas matrizes da identidade revelaram núcleos resistentes no confronto com a telenovela. Tais evidências confirmam a hipótese com a qual trabalhamos na pesquisa.

Entretanto, também foi verificado que as relações com os meios de comunicação em geral e com a telenovela em particular introduzem novos referentes culturais que questionam a rigidez das representações relativas à identidade étnica, particularmente entre os jovens, produzindo misturas culturais. Neste sentido, os dados também vão ao encontro das proposições de Hall (1999) e de García Canclini (1997) em relação aos processos de descentramento da identidade e da emergência de novas posições de identificação catalizadas pelos processos de globalização e pela introdução de novos referentes culturais, facilitados particularmente pelos meios de comunicação, em particular a TV e no caso estudado também a telenovela.

NOTAS

[1] Este trabalho é extraído da Tese defendida na ECA/USP no programa de doutorado em Ciências da Comunicação (Bonin, 2001).

[2] O levantamento foi realizado em 100 unidades familiares camponesas escolhidas aleatoriamente, que representam cerca de 10% das unidades totais do município escolhido para a realização da pesquisa – Urubici, SC. Este levantamento é detalhado na sessão dedicada à coleta de dados.

[3] Esse tipo de fenômeno em que a experiência comum de adversidades e de discriminações da sociedade de acolhimento acabam por produzir uma identidade comum e uma solidariedade real entre as pessoas foi reportado por outros pesquisadores. O caso dos imigrantes asiáticos nos Estados Unidos, estudados por Douglass e Lyman, é ilustrativo. Quando chegaram aos Estados Unidos, estes imigrantes distinguiam-se entre si como *chineses, coreanos, japoneses*. Lá estas identidades particularistas passaram a ser confrontadas com a denominação de *oriental*, imposta pelos autóctones aos imigrantes provenientes de países da Ásia. O racismo anti-oriental e a condição comum imposta a todos os sujeitos de raça amarela acabaram por fazer surgir, ao lado das identidades particularistas ainda persistentes mas de forma mais ativa e globalizante, uma identificação que se exprime por meio do movimento pan-asiático americano. (Douglass e Lyman 1976, citados por Poutignat e Streiff-Fenart, 1999).

[4] Num trabalho com camponeses descendentes de poloneses, italianos e alemães, Seyferth (1986) também observa que a representação da etnicidade ancora-se principalmente num *ethos* do trabalho: “*ao brasileiro ‘preguiçoso’ se opõe o colono trabalhador, possuidor de uma disciplina e de uma capacidade própria da sua etnia. Portanto, a capacidade de trabalho é dada por sua herança étnica*” (Seyferth, 1986, p.66).

[5] É importante considerar a dimensão histórica da constituição de um *ethos* do trabalho entre os imigrantes e de sua transformação em símbolo da identidade. Seyferth (1993) se refere ao *ethos* do trabalho como implantado pelos imigrantes que participaram da colonização e observa que ele se reproduz nas representações dos descendentes dos imigrantes através da figura do colono pioneiro, construída com base no reconhecimento das condições objetivas do processo de colonização. A principal característica atribuída ao colono pioneiro é a capacidade de trabalho, traduzida na transformação da floresta em colônia. Neste sentido, colonizar significa civilizar, os imigrantes são apresentados como trabalhadores mais capazes e superiores que os bugres, caboclos e brasileiros em geral. A propósito da

discussão sobre a memória coletiva, veremos que a figura do pioneiro encontra-se também presente entre as famílias pesquisadas.

[6] A propósito do seu estudo sobre italianos, Azevedo também observa que a italianidade é caracterizada, entre outros elementos, pelo trabalho duro, pelo espírito de empreendimento e de poupança (Azevedo, 1882, citado por Seyferth, 1986).

[7] É importante atentar para a dimensão histórica da mobilização deste traço como critério de distinção dos imigrantes em relação aos *brasileiros*. Recuperando o sentido histórico da religiosidade entre imigrantes alemães, italianos e poloneses, Seyferth (1986) observa que no processo de colonização tanto o ensino primário como o estabelecimento das igrejas ficou a cargo dos colonos. No início as comunidades construía suas capelas e padres e pastores vinham da Europa para desempenhar os ofícios religiosos e muitas vezes também educativos. Num segundo momento, as escolas particulares passaram a vincular-se à igreja, tanto entre católicos como no caso dos protestantes alemães. Escola e igreja desempenhavam o papel étnico de socializar as crianças na língua e na cultura de origem, somando esforços com a família nestas tarefas. De acordo com a autora, a associação entre a escola e a igreja como suporte da “*consciência étnica*” foi forte nos três grupos estudados. Se a escola tinha um papel na transmissão da língua materna e da cultura de origem, à igreja competia a transmissão da fé, também considerada marca diferenciadora dos grupos de imigrantes europeus em relação aos brasileiros. No caso dos italianos, a religião católica funcionou como catalizadora da italianidade, na medida em que os colonos italianos confundiam a fé católica com a consciência nacional. Entre imigrantes de origem alemã estabeleceu-se também uma relação entre escola, igreja e língua alemã, já que tanto o ensino como os ofícios religiosos eram realizados na língua materna. A comunidade católica também se propunha a manter a fé e a nacionalidade alemã. Padres e pastores incentivavam a conservação da língua e a endogamia como forma de preservação da fé e da religiosidade dos *colonos*. Nos três grupos, a religiosidade foi transformada em símbolo de identificação e distinção em relação aos *brasileiros* e permanece vigente como critério de distinção (Seyferth, 1991).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Joceline. *Teorias da etnicidade*. São Paulo: UNESP, 1998. p.185-227.

BONIN, Jiani Adriana. *Identidade étnica e telenovela*. 2001. 410 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, 2001.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 4^a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BUONANNO, Milly. *El drama televisivo*. Barcelona: Gedisa editorial, 1999.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. *Cultura y comunicación: entre lo global y lo local*. La Plata: Ediciones de periodismo y comunicación, 1997.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós modernidade*. 3. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

LAPIERRE, Jean William. Prefácio. In: POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Joceline (1998). *Teorias da etnicidade*. São Paulo: UNESP, 1998. p. 9-14.

LOPES, Maria Immacolata V. (coord.). *Recepção de telenovela: uma exploração metodológica*. Relatório final. São Paulo, ECA-USP, 1999.

MACIEL, Maria Eunice de Souza. *Considerações sobre gaúchos e colonos*. In: BAQUERO, Marcello et al. *Diversidade étnica e identidade gaúcha*. Santa Cruz do Sul, Editora da UNISC, 1994. p.31-42

MARTÍN BARBERO, Jesús. *La telenovela en Colombia: television, melodrama y vida cotidiana*. *Dialogos de la comunicación*, Lima, n. 17, p.46-59, 1987.

_____. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Joceline. *Teorias da etnicidade*. São Paulo: UNESP, 1998.

SEYFERTH, Giralda. *Imigração, colonização e identidade étnica*. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v.29, p.57-71, 1986.

_____. *Imigração e cultura no Brasil*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1990.

_____. *Identidade camponesa e identidade étnica*. *Anuário Antropológico*, Rio de Janeiro, n.91, p.31-63, 1993.

ZVEIBIL, Sílvia Jane (1980). *Identidade étnica judaica: caracterização e processo de constituição*. 1980. 163 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, USP, 1980.

WILLIAMS, Raymond (1979). *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.